

TEMA LIVRE

A Revista Sentidos da Cultura tem a satisfação de publicar mais uma edição, no desafio de fazer ciência na Amazônia, diversos são os obstáculos, que suscitam criatividade e resistência. Neste número, fugimos ao habitual, e não temos uma temática específica para as produções a compor o periódico, damos vazão a diversidade de assuntos, espaços e possibilidades de reflexão sobre as questões que movem pesquisadores ao longo de suas jornadas acadêmicas. E, assim publicamos trabalhos tão diversos quanto as realidades que vivemos, travando diálogos com estudos que partem desde vivências escolares no arquipélago de Marajó, como rituais ancestrais no continente africano. Educação, Arte, Antropologia, Teatro, Literatura, Linguística, o caleidoscópio de saberes, então, se desenha através de quatorze artigos e uma resenha que compõem este volume.

A começar por **Guthemberg Felipe Martins Nery** que analisa a personagem feminina descrita no conto “Noshe Oscura”, da escritora paraense Maria Lúcia Medeiros, visando desvelar a condição da mulher que ganhava a vida vendendo seu corpo no espaço urbano nos decênios iniciais do século XX, revelando particularidades sobre a condição da mulher em sua atividade de meretrício no início do século passado.

Wanessa Ellen Costa e Costa e José Ribamar Ferreira Junior apresentam uma breve relação do acervo imagético-gráfico dos periódicos *A Flecha* (1879-80) e *A Vida Paraense* (1883), produzidos por João Affonso do Nascimento, ambos tinham como objetivo levar para a sociedade, opiniões críticas à população por intermédio de caricaturas e textos literários, de modo a se estabelecer uma relação entre Maranhão e Pará, nos diálogos sobre a diferenciação e problemas sociais presentes no século XIX.

Diogo Jorge de Melo e Larice Butel traçam um estudo sobre o mitopoético amazônico a partir da epopeia imaginada dos encantados afro-amazônicos da Família da Turquia e suas relações simbólicas com a Ilha Encantada de Parintins, local onde ocorre o Festival Folclórico de Parintins em que os bois-bumbás Caprichoso e Garantido se enfrentam. De modo particular, a materialização artística desses encantados em 2019, quando o Boi Caprichoso os inseriu simbolicamente sua apresentação no Bumbódromo.

Maria Vitória Launé Rocha, Eliane Raíza Costa da Silva e Érica Peres tecem uma reflexão acerca da importância das unidades de preservação ambiental, sendo elas o Museu Parque do Seringal, localizado no município de Ananindeua- PA e o Parque Estadual do Utinga, localizado em Belém - PA, apresentando uma perspectiva pedagógica

sobre a importância da conscientização sobre os problemas ambientais e a prática da Educação Ambiental.

Giovanna Sampaio, Bruno dos Passos Assis e Joao Antonio Belmino dos Santos investigam como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) podem ser integradas às políticas públicas para promover a participação social na gestão do patrimônio cultural, considerando as territorialidades e os direitos humanos, de modo a pensar diretrizes para a formulação de políticas públicas eficazes e inclusivas, promovendo uma gestão sustentável e respeitosa em relação aos direitos humanos.

Dílson César Devides e Mikael Matos Maia debatem sobre a questão da autoria de adaptações midiáticas, tendo como base textos e teorias do filósofo francês Michel Foucault que oferece reflexões acerca do processo de autoria, bem como sua legitimidade e a relação autor/obra. Essas discussões são sustentadas pelos estudos da adaptação, baseando-se em textos de autores específicos da área, como a professora canadense Linda Hutcheon, o professor brasileiro Álvaro Hattnher, o pesquisador norte-americano Robert Stam, entre outros teóricos.

Wagner Guimarães e Mailson Soares analisam a peça teatral *Meu Berro Boi* de autoria do dramaturgo paraense Ramon Stergmann (1943-2008), por meio de trechos desta obra e breve biografia apresentam este autor e a maneira como abordou em sua dramaturgia o boi como figura simbólica a constituir de forma relevante parte de sua poética enquanto autor de teatro.

Denise Machado Cardoso, Silviane Couto de Carvalho, Anderson do Rosario Borralho, José Luis Souza de Souza apresentam um estudo comparativo sobre o protagonismo de mulheres nas atividades agroextrativistas de comunidades quilombolas do Estado do Pará, com ênfase nos conhecimentos ancestrais que envolvem práticas relacionadas às plantas em suas diversas formas de classificação, prática entrelaçada a questões identitárias, relações sociais de gênero, além da defesa de seus territórios.

Mayara Teixeira Sena e Laura Maria Silva Araújo Alves analisam a proposta de educação profissional do Instituto Lauro Sodré em Belém do Pará, entre os anos de 1900 a 1904, buscando compreender o papel desta instituição de ensino, numa relação entre educação, trabalho e formação humana em uma sociedade marcada por desigualdades de classe.

Felipe Bandeira Netto e Nokuthula Nomthandazo Pheza analisam o *ukuthwasa*, prática espiritual e cultural dos povos Nguni da África do Sul, situando-o no contexto histórico da colonização, da marginalização da religiosidade africana e da

imposição do cristianismo. A análise evidencia o *ukuthwasa* como um processo complexo que articula espiritualidade, identidade, resistência cultural e adaptação diante das pressões econômicas e políticas atuais.

Monise Saldanha por meio de narrativas da Orixá Oxum destece contatos linguísticos que estariam escamoteados nas poéticas praticadas dentro dos terreiros de candomblé Ketu em território brasileiro, atestando que a literatura oral de matriz iorubá, resguarda termos de uma língua antiquíssima, trazida ao Brasil pelo processo de escravização, preservada e ressignificada neste lado do atlântico.

Elaine Cristina Melo Batista, Mayra Quaresma do Espírito Santo e Luana Mesquita de Araújo propõe uma escrita compartilhada entre mulheres de diferentes lugares de fala e escrevivências, ecoadas pelo Projeto Jambuaçu e pelo Projeto IQ. Articulam a escrevivência para uma escrita coletiva, cujas memórias quilombolas, a colaboração de mulheres de terreiro e o diálogo antropológico se interseccionam na escrita polifônica de experiências.

Gutemberg Armando Diniz Guerra de modo leve e saboroso resenha o livro “Assino embaixo”, de autoria do jornalista Edgar Augusto Proença, a obra reúne crônicas sobre o cotidiano da capital paraense, trazendo fatos que compõem uma Belém da infância e juventude do autor, com uma carreira amplamente reconhecida, especialmente, por seu trabalho como radialista, em prol da valorização e divulgação da produção musical e artística do Pará e da Amazônia.

Sthefany Kyara Figueiredo Carvalho, Wanessa Silva Gomes e Antônio Luís Parlandin dos Santos defendem em seu estudo a integração das narrativas orais da cultura marajoara no currículo escolar, visando superar a desconexão entre o ensino tradicional e a realidade local. Ressaltam que a valorização contínua da oralidade no ambiente educacional promove uma aprendizagem significativa e afetiva, ancorada na vivência dos estudantes.

Paula Natasha Siqueira Barros e Tayná Cristina Leal Sousa apresentam uma proposta pedagógica decolonial aplicada ao Ensino Médio em Soure, Marajó, com foco na etnolinguística e nos fenômenos semânticos da Língua Portuguesa. O projeto busca descentralizar conteúdos eurocêntricos, valorizando as culturas afro-brasileiras e indígenas e promovendo aprendizagem significativa ao relacionar currículo e vivências dos estudantes.

Boa leitura a todos!

Editores: Mailson Soares, Dia Favacho e Maria Roseli Sousa Santos